

Traducción de Maúnde, V. (2022). *Ausências, Intermittências e Outras Incompletudes*. Ethale Publishing. 2023. pp. 11-18.

Traducción de:
Luis Henrique Bagorilha Moreira
Universidad Complutense de Madrid
Eduard Mezei
Universidad Complutense de Madrid
Ana Catarina Coimbra de Matos
Universidad Complutense de Madrid 

<https://dx.doi.org/10.5209/afri.103106>

Ausências, Intermittências e Outras Incompletudes

CAPÍTULO 1

RESQUÍCIOS DO PARAÍSO

“Simpática, sensível, meiga, génio forte” - era assim que a Vanessa preenchia a sua breve biografia no *Facebook*. Não pude não notar a antítese entre os dois últimos termos com que se caracterizava. Contrastes à parte, importa que foi assim que tudo começou.

A sua foto de perfil era modesta e encantadora. Era uma selfie na qual esboçava um sorriso radiante, sem bicos nem caretas. Atrás dela via-se um extenso jardim florido. Era o Éden e os seus resquícios. Ela era a Eva nos meus prematuros delírios.

Foi o que observei antes de aceitar a sua solicitação de amizade. Aceitei-a para avaliar as intenções, sem pretensões. Depois fui tratar das minhas inadiáveis e irrevogáveis ocupações. Para minha surpresa, não tardou até ela acenar no *Messenger*¹ com um caluroso:

—Oieee!

Vi a sua mensagem na barra de notificações, mas não respondi imediatamente, pois estava com uma pilha de textos para revisão sobre a secretária. Veria mais tarde.

Já em casa, dediquei alguns minutos a responder às mensagens que me tinham sido enviadas. Comecei pelas do *WhatsApp* e terminei pelas do *Facebook*. Tive a curiosidade de visitar a cronologia da Vanessa, a minha mais nova amiga virtual. Eram poucas as fotos publicadas, mas suficientes para confirmar o que a foto de perfil sugeria —ela era bela, sem filtros nem ar tífcios. Decidi então testar a profundidade das águas e ver no que iria dar. Mergulhei até ao dorso do pé.

Na primeira conversa, ela quis saber de onde eu falava e o que fazia da vida. Eu disse-lhe que era de Maputo e que escrevia poesia. Insatisfeita, perguntou se era disso que eu vivia. Eu não quis fazer má figura logo no primeiro dia, mas não pude conter a ousadia e rematei:

—*Consentisses-me e só para ti eu viveria.*

É certo que eu não a conhecia, mas vi-me impelido a assim agir. Na realidade, nem eu me reconhecia. Era como se a tivesse na lembrança de outra vida.

A Vanessa enviou-me *emojis* sorrindo e disse que eu não existia.

—*Não existisses tu e eu te inventaria, embora não fosse capaz de te esculpir com igual divina mestria* —retorqui.

Após se recompor do riso, confessou-me que não se divertia assim há dias. Suas mensagens eram acompanhadas de *emojis* tapando os olhos em sinal de vergonha ou de timidez.

Com agradável fluidez, a conversa prosseguia até que veio uma inesperada revelação:

¹ Serviço de mensagens e conversa gratuito do Facebook.

A Vanessa confessou-me que não fizera o pedido de amizade por acaso. Que soubera da minha existência havia anos. Que a minha ex-namorada, a Eulália, sua amiga, lhe contava tudo a meu respeito e que estava ao corrente do imbróglie em que a nossa relação se tinha tornado.

—*Então, quando eu soube que vocês tinham acabado, decidi conferir se o famoso Daniel era realmente tudo aquilo que a Eulália dizia* – esclareceu.

Fiquei atónito e boquiaberto. Pela primeira vez, faltaram-me palavras e sobraram-me interrogações: quem era aquele misterioso ser? O que poderia querer?

Aquela revelação trouxe à tona velhas feridas. Fez-me lembrar dos momentos felizes que vivi com a Eulália. Dos fins de tarde de domingo na praia. Recordei-me das juras trocadas. Doe-me lembrar, afinal não eram águas passadas. Pus-me daí a pensar se o amor, tendo início, teria também fim. Se era possível o tempo apagar da memória lembranças de momentos que, quando vividos, se tinham por eternos.

Custou-me mais ainda lembrar do Camilo, a quem eu tinha por melhor amigo. Mas nem isso o impediu de apunhalar-me pelas costas, envolvendo-se vil e dissimuladamente com a minha namorada. Para ele, tinha sido um erro, um infeliz percalço. Para mim, pouco importava o nome, pois o meu mundo tinha ruído, desfeito em fragmentos de ilusão que hoje enfeitam as paredes internas de memórias de um tempo que peca por ter existido. Distanciámo-nos desde então.

O corolário daquela repugnante e injustificada traição foi o decaimento do mundo por mim fantasiado e, mais uma vez, vi a vida através da impiedosa lente da realidade. Quase me cegou contemplá-la tenebrosa, imponderável e cruel. Fiz então como na filosofia e furtei-me do dever de encontrar respostas para as minhas inquietações e questionamentos mais latentes. Conformei-me em nada saber, posto que é tido por sábio quem seja capaz de formular questões existenciais, mesmo que para elas não tenha respostas acabadas. Assim, ausente de certezas, deixei que o tempo se encarregasse de decifrar este milenar enigma universal: ‘esquece-se um amor?’

Notando o meu silêncio prolongado, a Vanessa indagou preocupada: —*Eu disse alguma coisa errada?*

—*Não! Errado é o passado que teima ser lembrança.*

Para nos desembaraçar daquele momento tenso, já que sabia do meu interesse pela literatura, perguntou quais eram as minhas actuais leituras. Disse-lhe que lia simultaneamente Pessoa, Calane e Mia.

Confessou-me que já lera Mia e que o facto de ele inventar palavras a aturdiu.

Afinal tínhamos gostos em comum —pensei. É essa, segundo C.S. Lewis, “a expressão típica de começo de amizade.”²

Esta primeira confabulação foi o bastante para a conversa se tornar constante. Trocámos contactos. As nossas chamadas e interacções via WhatsApp duravam horas. Assim, fiquei a conhecer um pouco dela e da sua família. Tinha 23 anos, era filha única e estudava arquitectura. A sua melhor amiga era Melany, sua prima. A Eulália fora uma grande amiga, mas aos poucos distanciaram-se, por não partilharem dos mesmos ideais.

Na ocasião, ela ficou a saber que eu tinha 27 anos e que trabalhava como revisor linguístico e redactor no Jornal Notícias; que vivia na Malhangalene e que, nos tempos livres, lia e também escrevia. Na realidade, confirmei-lhe o que ela já sabia.

Dali em diante, passei a ser tudo para ela: amigo, ouvinte e conselheiro. Eu estava sempre lá quando ela precisasse, ou quase sempre. Quando queria desabafar, era comigo que ela partilhava as suas mazelas. Eu dizia-lhe versos condizentes com o momento, isso a acalmava.

Estreitaram-se os laços. A intimidade e a confiança cresceram. Passou de Vanessa para Vanny. — *Daniel é pesado, prefiro Danny* — disse ela.

A Vanessa passava por um momento conturbado na família. O casamento dos pais estava em crise. As brigas eram frequentes e isso a transtornava. Quando o tumulto se instalava, o seu refúgio era a casa da prima Melany, a quem ela carinhosamente tratava por Mel. Elas viviam em prédios vizinhos na Sommerschield, zona nobre da cidade de Maputo.

A Melany cursava medicina e pouco tempo lhe sobrava para estar com a Vanny, o que fazia de mim seu único refúgio. Assim, sempre que, em meio à conversa, eu me despedia, ela, contrita, rogava que eu não tardasse a voltar. Eu tranquilizava-a, prometendo retornar logo que desse.

Passámos a ter um encontro marcado sempre para as vinte e uma horas. Ela regressava da faculdade por volta das dezasseis e punha-se logo a fazer os trabalhos, para estar despachada na hora combinada. O acordo era que eu desse sempre o sinal, mas se me atrasasse mais de dez minutos, ela não se fazia de rogada, ligava e assim conversávamos horas sem fim.

Tive a certeza de que o interesse era mútuo e profundo como o Oceano Pacífico quando, em meio a uma conversa, confessou que queria muito me conhecer e fazer cumprir os seus devaneios.

—*Que devaneios?* —perguntei atónito.

—*Saberás no dia em que me deixares pousar sobre ti o olhar* —e riu-se.

—*Eu reconheço essas palavras* — reivindiquei.

—*Sim, são tuas. Vê só o que fizeste de mim. Nunca me tinha imaginado a falar assim.*

Não perdi a deixa e retorqui, citando Camões:

—*“Transforma-se o amador na cousa amada...”*

—*Não sejas pretensioso, não disse que te amava* —protestou.

—*Tens razão, é cedo para me amares, mas um pouco tarde para me impedires de te amar* — rematei.

—*Amas-me sem nunca me teres visto?* —questionou com estranheza.

² C.S. Lewis, no livro “Os quatro amores”.

Respirei fundo antes de redarguir. Tinha a resposta na ponta da língua, mas hesitei. Não queria colocar tudo a perder, mas depois convenci-me de que não havia mal e sentenciei:

“Não é pela beleza do teu rosto

Nem é pela formosura do teu corpo

Não é pelo que vejo

É mesmo pelo que sinto que sentes

É pelo que não vejo”

Não tardou e logo veio a reacção:

—*Mas sabes?... É melhor parares de dizer essas coisas, antes que eu acredite.*

—*É assim tão má ideia?* —questionei.

—*Depende...* —respondeu.

Sem compreender o condicionalismo implícito na sua resposta, pedi que me esclarecesse, mas ela limitou-se a prometer que eu descobriria quando nos encontrássemos. Em pulgas, insisti em saber quando é que isso seria, mas a resposta não chegou. O silêncio ecoou.

—Vanessa... estás aí? Vanny...

Ela já não estava no *Whatsapp*. Sumira sem causa nem despedida. Esperei até que me converti na própria espera. Nenhum sinal dela. Os minutos fizeram-se horas, as horas transformaram-se em dias. Não havia sinal da Vanessa. O seu número continuava desligado.

§

[...]

Ausencias, Intermitencias y Otras Carencias

Traducción de Luis Henrique Bagorriha Moreira, Eduard Mezei,
Ana Catarina Coimbra de Matos al español.

CAPÍTULO 1 RESQUICIOS DEL PARAÍSO

“Simpática, sensible, cariñosa, fuerte genio” – era así como Vanesa rellenaba su breve biografía en *Facebook*. No pude no notar la antítesis entre los dos últimos términos con los que se caracterizaba. Contrastes aparte, lo que importa es que fue así como todo empezó.

Su foto de perfil era modesta y encantadora. Era un *selfie* en el cual esbozaba una sonrisa radiante, sin picos ni caretas. Detrás de ella se veía un extenso jardín floreado. Era el Edén y sus resquicios. Ella era Eva en sus prematuros delirios.

Fue lo que observé antes de aceptar su solicitud de amistad. La acepté para evaluar las intenciones, sin pretensiones. Luego fui a ocuparme de mis inevitables e irrevocables ocupaciones. Para mi sorpresa, no tardó en saludar en *Messenger*³ con un caluroso:

—¡Holaaaaa!

Vi su mensaje en la barra de notificaciones, pero no respondí inmediatamente, porque estaba con una pila de textos para revisar sobre el escritorio. Lo vería más tarde.

Ya en casa, dediqué algunos minutos a responder a los mensajes que me habían enviado. Empecé por los de *Whatsapp* y terminé por los de *Facebook*. Tuve la curiosidad de visitar la cronología de Vanesa, mi nueva amiga virtual. Eran pocas las fotos publicadas, pero suficientes para confirmar lo que la foto de perfil sugería – ella era hermosa, sin filtros ni artificialidad. Entonces decidí testar la profundidad de las aguas y ver que acabaría ocurriendo. Hundí hasta el dorso del pie.

En la primera conversación, ella quiso saber de dónde hablaba y que era de mi vida. Le dije que era de Maputo y que escribía poesía. Insatisfecha, preguntó si vivía de eso. No quise quedar mal justo el primer día, pero no pude contener la osadía y rematé:

—*Si me lo consintieras solo viviría para ti.*

Es cierto que no la conocía, pero me sentí impulsado a actuar así. En realidad, ni yo me reconocía. Era como si la tuviese en el recuerdo de otra vida.

Vanessa me envió *emojis* sonriendo y dijo que no puede ser que exista alguien como yo.

—*No existieses tú y yo te inventaría, aunque no fuese capaz de esculpirte con la misma maestría divina* – repliqué.

³ N. del A.: Servicio de mensajería y conversación gratuito de Facebook.

Después de recomponerse de la risa, me confesó que no se divertía así desde hace días. Sus mensajes eran acompañados de *emojis* tapándose los ojos en señal de vergüenza o de timidez.

Con agradable fluidez, la conversación proseguía hasta que vino una inesperada revelación:

Vanessa me confesó que no hiciera la solicitud de amistad por si acaso. Que supo de mi existencia hace años. Que mi exnovia, Eulalia, su amiga, le contaba todo al respecto sobre mí y que estaba al corriente del embrollo en el que nuestra relación se había convertido.

—Entonces, cuando supe que habíais terminado, decidí comprobar si el famoso Daniel era realmente todo aquello que Eulalia decía – esclareció.

Me quedé atónito y boquiabierto. Por primera vez, me faltaron palabras y me sobraron interrogaciones: ¿Quién era aquel misterioso ser? ¿Qué podría querer?

Aquella revelación trajo a la superficie viejas heridas. Me hizo recordar los momentos felices que viví con Eulalia. El final de la tarde de los domingos en la playa. Me hizo recordar las promesas intercambiadas. Me dolió recordar, al fin y al cabo, no era agua pasada. A partir de ahí me puse a pensar si el amor, teniendo un inicio, tendría también un final. Si era posible que el tiempo apagase de la memoria recuerdos de momentos que, cuando vividos, se tuvieron por eternos.

Me costó más aún acordarme de Camilo, a quien tenía por mejor amigo. Pero ni eso le impidió apuñalarme por la espalda, volviéndose vil y disimuladamente con mi novia. Para él, había sido un error, un infeliz percance. Para mí, poco importaba el nombre, pues mi mundo tenía ruido, deshecho en fragmentos de ilusiones que hoy decoran las paredes internas de memorias de un tiempo que peca por haber existido. Nos distanciábamos desde entonces.

El corolario de aquella repugnante e injustificada traición fue la descomposición del mundo por mí fantaseado y, una vez más, vi la vida a través de la impiedosa lente de la realidad. Casi me cegó contemplarla tenebrosa, imponderable y cruel. Entonces hice lo que hacen en la filosofía y me hurté del deber de encontrar respuestas para mis inquietudes y cuestionamientos más latentes. Me conformé en no saber nada, puesto que es dado por sabio el que sea capaz de formular cuestiones existenciales, aunque a ellas no tenga respuestas acabadas. Así, ausente de certezas, dejé que el tiempo se encargase de descifrar este milenario enigma universal: «¿se olvida un amor?»

Notando mi silencio prolongado, Vanessa indagó preocupada: —¿He dicho algo equivocado?

—¡No! Equivocado es el pasado que teme por ser un recuerdo.

Para librarnos de aquel momento tenso, ya que sabía mi interés por la literatura, preguntó cuáles eran mis lecturas actuales. Le dije que leía simultáneamente a Pessoa, Calane y Mia.

Me confesó que ya había leído a Mia y que el hecho de que se inventara palabras la aturdiría.

Al final teníamos gustos en común – pensé. Es esa, según C.S. Lewis, “la expresión típica de inicio de amistad.”⁴

Esta primera confabulación fue lo bastante para que la conversación se volviera constante. Nos intercambiamos los contactos. Nuestras llamadas e interacciones por *WhatsApp* duraban horas. Así, llegué a conocer un poco de ella y de su familia. Tenía 23 años, era hija única y estudiaba arquitectura. Su mejor amiga era Melany, su prima. Eulalia fue una gran amiga, pero poco a poco se distanciaron, porque no compartían los mismos ideales.

En esa ocasión, ella supo que yo tenía 27 años y que trabajaba como corrector de textos y redactor en el Periódico *Noticias*; que vivía en Malhangalene y que, en los ratos libres, leía y también escribía. En realidad, le confirmé lo que ella ya sabía.

De ahí en adelante, me convertí en todo para ella: amigo, oyente y consejero. Yo estaría siempre allí cuando ella lo necesitaba, o casi siempre. Cuando quería desahogarse, era conmigo que ella compartía sus heridas. Yo le decía versos acordes al momento, eso la calmaba.

Se estrecharon los lazos. La intimidad y la confianza crecieron. Pasó de Vanessa a Vanny. —Daniel es demasiado, prefiero Danny – dijo ella.

Vanessa pasaba por un momento turbulento en su familia. El matrimonio de sus padres estaba en crisis. Las riñas eran frecuentes y eso la perturbaba. Cuando el tumulto se establecía, su refugio era la casa de su prima Melany, a quien ella llamaba Mel con cariño. Ellas vivían en los edificios cercanos en Sommerschield, zona noble de la ciudad de Maputo.

Melany estaba cursando medicina y le sobraba poco tiempo para estar con Vanny, lo que me convertía en su único refugio. Así, siempre que, en medio de una conversación, yo me despedía, ella, contrita, rogaba que no tardase en volver. Yo la tranquilizaba, prometiendo regresar tan pronto como pudiera.

⁴ N. del A.: C.S. Lewis, en el libro *Los cuatro amores*.

Pasamos a tener un encuentro fijado siempre para las veintiuna horas. Ella regresaba de la facultad alrededor de las dieciséis y se ponía enseguida a hacer los trabajos, para estar despejada a la hora acordada. El acuerdo era que yo diese siempre la señal, pero si me retrasase más que diez minutos, ella no se haría de rogar, llamaría y entonces charlábamos durante horas sin fin.

Tuve la certeza de que el interés era mutuo y profundo como el Océano Pacífico cuando, en medio de una conversación, confesó que quería mucho conocerme y hacer cumplir sus devaneos.

—¿Qué devaneos? – pregunté atónito.

—Los sabrás el día en que me dejes contemplarte con la mirada – y se río.

—Yo reconozco esas palabras – reivindicué.

—Sí, son tuyas. Fíjate en lo que me has convertido. Nunca me había imaginado a mí hablando de esta manera.

No perdí la señal y repliqué, citando a Camões:

—“Se transforma el amador en la cosa amada...”

—No seas pretencioso, no dije que te amaba –protestó.

—Tienes razón, es pronto para que me ames, pero un poco tarde para que me impidas amarte –rematé.

—¿Me amas sin nunca haberme visto? –cuestionó extrañada.

Respiré hondo antes de redargüir. Tenía la respuesta en la punta de la lengua, pero hesité. No quería echarlo todo a perder, pero después me convencí de que no pasaba nada y sentencí:

“No es por la belleza de tu rostro

Ni es por la hermosura de tu cuerpo

No es por lo que veo

Es justo por lo que siento que sientes

Es por lo que no veo”

No tardó y enseguida vino la reacción:

— ¿Pero sabes qué?... Es mejor que pares de decir esas cosas, antes de que yo me las crea.

— ¿Es tan mala esa idea? –la cuestioné.

— Depende... –respondió.

Sin comprender el condicionamiento implícito en su respuesta, pedí que me la aclarara, pero ella se limitó a prometer que yo lo descubriría cuando nos encontrásemos. Impaciente, insistí en saber cuándo sería eso, pero la respuesta nunca llegó. El silencio resonó.

— Vanesa... ¿estás allí? Vanny...

Ella ya no estaba en el *WhatsApp*. Se había esfumado sin causa ni despedida. Esperé hasta que me convertí en la misma espera. Sin señal alguna de ella. Los minutos se hicieron horas, las horas se transformaron en días. No había señal de Vanesa. Su número seguía apagado.

[...]

